

O FOGÃO DA *SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ* SUGESTÕES PARA UMA LEITURA HISTÓRICA DE IMAGEM PUBLICITÁRIA

*Ulpiano T. Bezerra de Meneses**

Resumo

O objetivo do artigo é preponderantemente metodológico e consiste em um exercício de leitura de uma imagem publicitária de um fogão a gás, publicada no Rio de Janeiro, 1913. Texto e imagem visual são submetidos a uma seleção preliminar de atributos empíricos e, a seguir, confrontados entre si para responder a três conjuntos de questões históricas relativas às implicações da tecnologia, à existência de um sistema (invisível) e à ambigüidade na identificação dos destinatários da mensagem.

Palavras-chave

Documento visual; texto e imagem; leitura histórica de imagem.

Abstract

The aim of this article is mainly methodological and its focus is a reading exercise on a gas stove advertisement published in Rio de Janeiro, 1913. Text and visual image are submitted to a preliminary selection of empirical attributes, and then confronted with each other in order to provide answers for three different sets of historical questions, concerning the implications of technology, the dependence upon a system and the fallacious identity of the addressee of the message.

Key-words

Visual documents; text and image; historical reading of images.

* Departamento de História da FFLCH/USP.

Este não é um texto de pesquisa, pois não procura prioritariamente produzir conhecimento novo sobre qualquer problema histórico substantivo. É, antes, um exercício de leitura de um documento visual, mais propriamente de uma imagem de publicidade, veiculada em revista ilustrada do início do século e que tem o interesse suplementar de conter também material escrito. Trata-se, portanto, de reflexões predominantemente metodológicas.

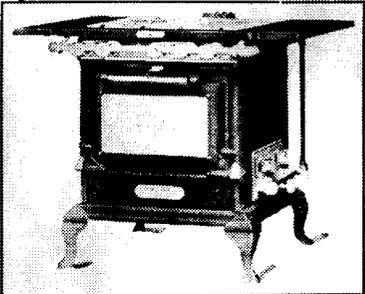
Duas observações preliminares se impõem, ainda. A primeira é que a palavra leitura é tomada aqui sem qualquer compromisso especial com a palavra (escrita), mas se refere à identificação e organização de atributos empíricos, de natureza tanto verbal quanto visual, selecionados para atender a questões históricas concretas que possam ser propostas à imagem, tomada como fonte de informação. O sentido de leitura, pois, muito próximo, assim, de seu núcleo etimológico, em que o verbo latino *lego*, *legere* (*lectus* é o particípio passado) significa reunir, colher, escolher, reagrupar (comparar, na mesma família, com *eleger*, *coligir*, *coleção*, *colégio*, *lição*, *inteligência*, etc.). Nessas condições, trata-se do primeiro passo – e apenas do primeiro – que o historiador deve tomar ao se defrontar com o documento. Mais ainda, é este primeiro passo que é capaz de fornecer elementos para definir as estratégias de exploração documental e prosseguimento da pesquisa. A segunda observação vai no mesmo sentido: limitar-se a um único documento, por mais relevante que seja, é um risco que o historiador contemporâneo sabe que não pode correr – ainda mais no caso presente, como se verá, em que a peça escolhida pertence a uma série que não será examinada. As intenções metodológicas, porém, justificam meu procedimento, aqui.

Por isso mesmo, também, não me dedicarei a nenhuma análise sistemática, entre as várias que têm sido recentemente propostas, seja em relação a textos verbais, seja a objetos iconográficos (por exemplo, Aparici e García-Matille, 1989; Joly, 1993; Santaella e Winfried, 1999; Serre-Floersheim, 1993; Vettraino-Soulard, 1993). Não que as considere inúteis ou problemáticas. Apenas vejo com dificuldade a possibilidade de uma análise universal, independente da natureza e tipologia do documento e, sobretudo, das questões específicas que lhe possam ser encaminhadas. Finalmente, um estudo completo exigiria incorporar-se ao horizonte da pesquisa – que não é objetivo imediato, por enquanto – a problemática da produção e circulação/apropriação da imagem, a fim de, em última instância, criar aquele quadro indispensável para o entendimento de uma “cultura visual” nas suas particularidades históricas (Foster, ed. 1988).

O documento em questão é uma imagem publicitária de 18x24 cm,¹ ocupando uma página inteira na revista ilustrada semanal do Rio de Janeiro, *Fon Fon*, ano VII, n. 24, junho de 1913, p. 17 (figura 1). É parte de um conjunto de seis imagens que veiculavam propaganda da Société Anonyme du Gaz².

SYNONYMOS PARALLELOS

FOGÃO A GAZ	OUTROS FOGÕES
Asseio Conforto Commodity Utilidade Adaptabilidade Economia Cosinha perfeita Efficiencia Progresso Up-to-date	Cisko, cinzas, fuligem e fumaca. Trabalho. Difficuldades e aborrecimentos. Demora e contrariedade. Calor mal applicado. Desperdicio. Resultados incertos. Inefficiencia. Antiquidade. Anachronismo.



Fogões a gaz, mediante pequenas prestações mensaes de 5\$000 a 10\$
INSTALAÇÃO GRATUITA — — — —

Conservação gratuita (2 annos)

DESCONTO ESPECIAL NO CONSUMO

SOCIÉTÉ ANONYME du GAZ
 N. 93, RUA DA ASSEMBLÉA, N. 93
 RIO DE JANEIRO — Telephone, 2965

Figura 1 – Imagem publicitária de fogão a gás – *Fon Fon*, ano VII, n. 24, junho de 1913, p. 17.

- 1 Agradeço a João Luiz Máximo da Silva (que está desenvolvendo uma pesquisa sobre a introdução de equipamentos elétricos e a gás no espaço doméstico paulistano, no começo do século) ter-me chamado a atenção para a existência deste documento e haver gentilmente comunicado uma cópia da imagem.
- 2 A Société Anonyme du Gaz, de origem belga, instalada no Rio de Janeiro, assim como sua congênera de São Paulo, a The São Paulo Gas Company, de origem inglesa, tiveram seu controle acionário adquirido em 1912 pelo Grupo Light, de origem canadense, atuante em São Paulo desde 1900.

Antes de se considerar a imagem, convém iniciar o exercício pelo que há de mais geral na figura 1: a disposição geral do texto, a imagem propriamente dita e outros elementos gráficos. O todo está explicitamente delimitado por uma moldura retangular vertical, em filete negro, grosso, rompido em dois pontos, à esquerda, pela projeção de duas outras molduras internas; quase na borda superior, uma moldura retangular horizontal, de filetes mais finos, mas com sombra projetada nas bordas inferior e lateral direita, realça duas palavras em negrito e tipo grande: “**SYNONYMOS PARALLELOS**”; na metade inferior do painel, de que ocupa mais de 2/3, e com a mesma projeção à esquerda, uma moldura quadrada, de filete fino, abriga a imagem de um fogão. Em uma profusão de diferentes fontes tipográficas, em tamanhos variados, em negrito ou não, com ou sem grifo, distribuem-se as palavras em todo o espaço disponível. São quatro grandes grupos: duas colunas paralelas, na metade superior do painel; na lateral direita, três subgrupos de texto, com características gráficas específicas para cada um; finalmente, na faixa inferior, três linhas de tamanhos maiores que os anteriores.

“**SYNONYMOS PARALLELOS**”, pela sua posição e características gráficas funciona como título do conjunto. É lícito, portanto, supor que dominará o sentido que se quer produzir. Por outro lado, posição e características gráficas também realçam a imagem do fogão. Pode-se, assim, presumir que os sentidos que a imagem pretende transmitir centram-se no fogão, orientados pela chave geral do título: sinonímia implica significação, mas aqui a significação não é enunciada diretamente, mas proposta como conclusão (do leitor) após um trabalho comparativo, duplamente implicado, seja no próprio substantivo “sinônimo”, seja no adjetivo “paralelo”, ambos envolvendo o objeto figurado. Infere-se, portanto, que a qualificação do objeto representado pela imagem não basta. Trata-se, ao que parece, de desenraizar valores aderentes, primeiro, para deixar livre o caminho para valores de ordem superior.

De fato, as duas colunas estão encimadas por subtítulos em negrito e sublinhados, respectivamente: “**FOGÃO A GAZ**” e “**OUTROS FOGÕES**”. Por isso mesmo, seria necessário examinar cada item de uma coluna em relação a seu “paralelo”. No entanto, a expectativa de se encontrar, na coluna de direita, o oposto do que vem à esquerda, é logo frustrada. Afinal, trata-se de sinônimos paralelos e não de antônimos. Por isso, seria mais eficaz agrupar os atributos da coluna do fogão a gás em categorias e examiná-las nas articulações com os atributos em oposição direta ou indireta, na outra

coluna – que só pode referir-se ao fogão a lenha, pelos atributos elencados, já que são menos pertinentes a outras modalidades, como o fogão elétrico, a carvão ou querosene.

Basicamente, é possível distinguir quatro categorias de atributo: valor de uso, conforto, economia, status.

Valor de uso. Diz respeito ao potencial instrumental do fogão a gás. Daí sua *utilidade* (que inesperadamente se opõe a *demora e contrariedade*, as quais podem ser entendidas como os efeitos produzidos pela inutilidade ou reduzida utilidade). Já a *eficiência* tem seu contrapeso imediato na *ineficiência*. A utilidade assinala a capacidade que a eficiência torna atual, concreta. *Adaptabilidade* também parece relacionar-se com o valor de uso, pois significaria que o potencial funcional se ajusta a condições diferentes (de necessidade? de operação?). Seu oposto é o *calor mal aplicado*, que remete a uma adaptabilidade intrinsecamente problemática: o fogão a lenha é apto a produzir calor, mas estaria mal adaptado (à sua configuração? ao ambiente?), o que importaria em perda de calor.

Conforto. *Conforto* é aqui definido por ausência, já que seu oposto é *trabalho*. Mas também há um atributo, *comodidade*, ao qual se opõem *difficultades e aborrecimentos*. Dificuldade pode-se associar a trabalho, que ela faz aumentar. Aborrecimento, assim como contrariedade (vista acima) introduzem uma dimensão psicológica e afetiva no conforto e representam, também, os efeitos acarretados pelo uso do fogão. O único atributo de higiene mencionado, *asseio* (aliás, é o atributo que encabeça o rol), não ficaria deslocado nesta categoria, pois se opõe a *cisco, cinzas, fuligem e fumaça* que, por certo, reduzem a comodidade e o conforto e agravam o trabalho.

Economia. Sob a própria rubrica *economia* se teria um atributo próximo da adaptabilidade, pois ela se opõe a *desperdício* (de que o calor mal aplicado sem dúvida é um caso maior) – e não ao custo do combustível.

Status. Preferi agrupar os três últimos atributos sob esta rubrica, pois dizem respeito a qualidades, positivas ou negativas, que implicam as propriedades empíricas de ambos os fogões, mas as transcendem, e podem qualificar os proprietários ou usuários. O mais amplo desses atributos é *cosinha perfeita*, ao qual se opõem *resultados incertos* (que melhor ficariam entre os atributos utilitários, junto com eficácia e adaptabilidade). *Cosinha perfeita* introduz um teto, paradigma máximo a que se pode chegar. *Progresso e up-to-date*, a que se opõem *antiguidade e anachronismo* se equivalem e representam avanço, superação e atualização de um novo equipamento que não é apenas melhor do que os antigos, mas os torna obsoletos.

O objetivo desta categorização não é caracterizar a falha taxonomia desta publicidade, com classes explícitas ambíguas, desprovidas de precisão e univocidade. Objetivo mais legítimo é tirar proveito dessas oscilações, incoerências e imprecisões e, também, aferir a escala de presença de certos atributos e as preocupações a que respondem. Assim, vale a pena observar que a listagem dos valores positivos começa com atributos de conforto, associados a condições de higiene, redução de esforço e de desgaste psíquico-afetivo e termina com os valores mais gerais de “cosinha perfeita”, que é aquela produzida *up-to-date* pelo “progresso”. No miolo, atributos pragmáticos (comparáveis, em volume, aos do conforto) e econômicos (os que menos espaço ocupam). Antes de prosseguir, conviria completar a leitura textual.

A coluna lateral traz, em um primeiro bloco em destaque, nova identificação do objeto central de interesse, *fogões a gás* e fornece seu preço – cujo porte se procura atenuar com o parcelamento em prestações mensais. Completa o bloco informação de que o equipamento é especializado e, portanto, exige mão-de-obra especializada para sua instalação. Esta, entretanto, não agrava o custo, pois é gratuita – o que pressupõe um vínculo exclusivo do consumidor com a intermediação técnica da empresa, tanto para o equipamento, como para os serviços.

O segundo bloco, em caracteres leves, fala de conservação. Aqui também se reforça o vínculo técnico acima indicado. Se a conservação também não agrava os custos, ao menos durante dois anos, implica que o uso do equipamento é sujeito a desregulagens e panes; possivelmente o funcionamento acarreta desgaste cumulativo, pelo que a empresa, passado o período de garantia, se declara desonerada.

O terceiro e último bloco, em caixa alta, de novo refere-se a tema econômico: desconto no consumo. Mais importante, porém, é o fato de que o desconto é uma indução ao consumo abstrato, desvinculado de qualquer necessidade concreta.

Finalmente, a faixa inferior registra nome e endereço do fornecedor. Inclui número de telefone, que, além de indicar presença de equipamento tecnológico neste contexto (e pressupor que o eventual cliente deva igualmente dele dispor para poder comunicar-se), também assinala (pela presença de apenas quatro dígitos) ser ele de extrema raridade. Além disso, a comunicação telefônica já nos remete para a noção de rede pública. O nome da empresa vem em francês e se informa que é uma sociedade anônima: trata-se de capital estrangeiro, mas aberto a investimentos locais; trata-se, ainda, da consolidação do papel da infra-estrutura na concepção da cidade.

A imagem visual

A imagem do fogão, pela textura uniforme, deve ter matriz fotográfica, embora com retoques. O objeto está de três quartos com plena exposição da face anterior e, em ângulo bastante fechado, da chapa superior; com ângulo mais aberto, da lateral direita. Assim, tem-se dele a máxima visibilidade. A imagem está completamente recortada, sobre fundo branco delimitado pela moldura quadrada, sem qualquer ambientação e, mesmo quase sem espaços livres: esta autonomização do objeto deve ser percebida como uma forma de reificação, que nele procura concentrar todos os sentidos possíveis. Os únicos traços destoantes neste isolamento absoluto são a sombra que se projeta dos quatro pés, para a direita e a iluminação coerente, cuja fonte vem da esquerda. Mas a iluminação não ambienta o objeto, apenas adere completamente a ele; quanto às sombras, mergulham no vazio, pois elas também estão recortadas.

Que traços morfológicos devem ser observados? O fogão é constituído por um cubo suportado por elevados pés de tipo zoomórfico (patas de quadrúpedes) e encimado por uma placa horizontal e complementado por acessórios. O cubo, na face anterior, é quase que inteiramente ocupado pela porta de um forno, delimitada por moldura em relevo, e com dobradiças e puxadores em projeção. Esta moldura é duplicada por outra, também em relevo. A placa superior tem duas abas laterais retráteis e, na parte central, os queimadores circulares (quatro “bocas”). Os acessórios, mais claros que o cinza carregado das demais partes, são constituídos, além dos queimadores, por uma fileira de botões, por um tubo na lateral e uma placa com chaves de manipulação. A profusão de elementos decorativos em relevo (além das molduras já mencionadas, há três palmetas irradiadas na faixa sob o forno, assim como o desenho sinuoso dos pés), e o diâmetro reduzido do longo tubo permitem inferir-se que a matéria-prima é metálica. A parte central da porta do forno (bem como uma pequena abertura retangular na faixa inferior) está recortada e é o mesmo branco do fundo que transparece: não se sabe qual seria o material.³

3 Tais espaços foram recortados, técnica freqüente para economia de clichê. Que se trata de material opaco, não resta dúvida, principalmente quando se examinam outras imagens da mesma série.

Para potenciar a interação texto/imagem, acredito que o melhor caminho é questioná-los concentrando os diversos problemas em três focos envolvendo a tecnologia, o sistema e os destinatários.

Tecnologia

Os textos não são explícitos com relação aos fundamentos tecnológicos pressupostos na valoração genérica do “progresso” e, em suma, da “cozinha perfeita”. Mas os efeitos da tecnologia estão claramente verbalizados. A imagem, ao contrário, torna visíveis os atributos tecnológicos: multiplicação e ao mesmo tempo circunscrição das fontes de calor (quatro bocas e forno), podendo-se inferir economia de combustível, seja pelo contacto direto dos queimadores com as panelas, seja pela aparência de isolamento hermético do forno (os puxadores e dobradiças devem assegurar uma manipulação adequada). O conjunto de botões, o tubo e a placa de chaves também introduzem uma dimensão tecnológica. Ocorre, porém, que o fogão não está em funcionamento e não se sabe muito bem quais os efeitos funcionais dessa morfologia tão expressiva.

Daí a necessidade do texto, que se encarregará de desvelar tais efeitos, a começar pelo asseio (o fogão em uso permaneceria tal como na imagem: sem ciscos, cinzas, fuligem e fumaça) e pela economia (calor bem aplicado). A imagem não é, contudo, suficiente para caucionar diretamente a redução do esforço, a que se alude, mas várias pistas conduzem a tanto: o caráter compacto da superfície de trabalho, importando em redução de movimentos (proximidade das quatro bocas, posição do forno), as extensões laterais da placa superior – tudo isso representa economia potencial de energia humana. Da mesma forma, a existência de botões de controle e a altura em que estão dispostos fazem supor eficiência, previsão de resultados e resguardo contra efeitos psicoafetivos indesejáveis, como dificuldades, aborrecimentos e contrariedades.

Imagem e texto permitem levantar outras questões pertinentes à tecnologia. Ao contrário da operação dos fogões a lenha, em que a mobilização do corpo era mais intensa – e, por isso mesmo, também, mais “natural” –, aqui são botões, chaves e portas que devem ser operados. Que nível de especialização exigiria a novidade e, mais que isso, que dificuldades estariam embutidas na mudança do padrão de corporalidade?

Como se notou acima, a operação dos fogões a gás estava sujeita a fatores imponderáveis (desgaste dos materiais? manipulações inadequadas?), que tornavam necessária

a intervenção de especialistas: a conservação permanente (gratuita por dois anos) teria que ser feita pela empresa. Aliás, a instalação (também gratuita), exigia especialistas – da empresa.

A imagem exhibe sem restrições todos os elementos que contavam para a manipulação, mas resguarda o processo mesmo de funcionamento do fogão. O processo tecnológico subtrai-se, habitualmente, à apreensão dos sentidos: nos queimadores, não se vê a chama, pois as painéis os escondem; no forno, a chama também não é visível, salvo parcialmente pelo pequeno orifício retangular assinalado; além disso, estando fechada a porta do forno, nada se apreende do que se passa no interior. Pode-se concluir, portanto, pelo aumento de intermediação entre o corpo e os resultados de suas intervenções. Por isso mesmo, o controle que os textos fazem presumir (resultados previsíveis, etc.) é ambíguo. É certo que existe uma simplificação formal: as exigências concentram-se nas chaves e botões – botões que devem, pelo tamanho e pela forma em placa, não apenas bloquear/desbloquear o gás, mas também controlar a quantidade da vazão. Mas seria anacronismo nosso minimizar as dificuldades de adaptação em virtude da “descorporalização” representada pelos novos padrões.

O controle do tempo, que nos parece hoje tão importante, comparece de forma discreta, quando se opõe utilidade a demora, acoplada a contrariedade. Na verdade, é preciso introduzir (ver mais adiante) o sujeito do tempo, para indagar de suas vantagens, ou não, ou da existência de uma demanda na procura de tempo livre.

Estas diversas questões obrigam a melhor definir o sentido do que o texto chama de “progresso”. Trata-se, sem dúvida, de um conceito evolutivo, de etapas lineares em que, ao invés de transformações, tem-se substituição. É este, aliás, o objetivo da publicidade: não apenas introduzir o fogão a gás no espaço doméstico, mas eliminar seus predecessores e ocupar seu lugar. Estes aparecem, todos, como anacrônicos, mas pontuais, tópicos. Progresso, portanto, não diz respeito nem a processos internos de transformação, nem a contextos complexos ou menos abstratos, mas a meras atualizações, inserções em tecidos que se tratam como se fossem indiferentes. Fica patente a idéia do modelo externo tomado como paradigma universal, que se contrapõe às defasagens. Nessa linha, é contraditório falar-se, teleologicamente, em cozinha perfeita, como se se tivesse atingido o ápice das possibilidades desse espaço doméstico, quando é próprio do progresso descontextualizado jamais esgotar-se, mas superar-se continuamente, provocando obsolescência e induzindo à substituição reiterada.

Sistema

Estas indicações de que a tecnologia, descontextualizando e ignorando as condições históricas e culturais, impõe uma reificação da mercadoria se confirma no exame da questão do sistema (infra-estrutura urbana).

A imagem nos dá um equipamento independente de qualquer ambiente ou circunstância, desvinculado do espaço, imerso em um fundo branco abstrato – um fogão auto-suficiente ou, para insistir no que já se assinalou, reificado. Ora, sabe-se que toda reificação tende a deslocar e mascarar.

Tanto a imagem quanto os textos nos permitem apreender, ainda que por instantes, indícios desses processos.

A tubulação do fogão (inclusive com suas duas chaves, que se podem inferir como sendo de entrada e saída), certamente não deveria justificar-se pela circulação interna do combustível. Aliás, na forma e dimensões do fogão, nada há que indique a existência de uma fonte próxima de tal combustível. Assim, é imprescindível pensar-se em um sistema invisível, que articule o equipamento doméstico a uma rede externa, urbana. Carlos Lemos (1976) já afirmou que é pela cozinha que a casa paulistana começa a modernizar-se, de dentro para fora (ver também, ainda para São Paulo, Homem, 1996; e Carvalho, 1996). Mais ainda, é pela cozinha que o espaço urbano, por intermédio de uma infra-estrutura de rede, vai intervir na gestão do espaço privado e produzir reconfigurações fundamentais. A indústria do gás foi a primeira a dar conta da organização científica da cozinha, na década de 30 (Giedion, 1980, pp. 444-50), mas já antes havia encaminhamentos nesse sentido, em um período de incubação que, na Europa e Estados Unidos, pode ser colocado entre 1890 e 1910. Tudo isso, porém, foi aqui escamoteado, embora esteja implícito no texto que uma empresa privada estrangeira – mas de capital aberto – atuará no espaço urbano, com presença capilar que certamente alterará o jogo de relações entre o domínio público e o privado. Assim, a ilusória independência que se manifesta no texto e na imagem não exclui a dependência duplamente externa que condiz com traços definidores da vocação da tecnologia no mundo contemporâneo. Por fim, é interessante acompanhar Jean-Pierre Goubert (1988, p. 16), quando ele apresenta o conforto – necessariamente vinculado à modernidade – como expressivo de uma delegação ao técnico e ao engenheiro, do cuidado com nosso corpo, redundando em uma forma de heterogestão que nossa peça publicitária deixa entrever.

O texto, é claro, fala de adaptabilidade – pré-condição em qualquer sistema –, mas ela parece limitar-se, se levamos em conta seu “sinônimo paralelo”, a circuitos internos

(calor bem aplicado). É claro, também, que a instalação especializada prevista equivale a uma inserção em um sistema externo ao domínio doméstico. Mas tudo aqui concorre para uma suposta substituição interna, pontual, circunscrita, absolutamente tópica, de um equipamento antigo por outro *up-to-date*. É por isso que se pode prometer a redução do preço com o aumento do consumo: consumir passa a dispensar uma relação balanceada com as necessidades e ganha autonomia.

As sombras dos pés não deixam de aludir – embora fugidia e paradoxalmente – ao espaço da cozinha, que se transformara, em outros contextos, em um laboratório para a organização do trabalho doméstico. O funcionalismo que presidiu a mecanização da cozinha ilumina seu caráter de uma técnica e de uma cultura topológica e espacial, no dizer de G. Monnier (1976, p. 103). Contudo, tal como figurado, o fogão a gás, ao contrário do fogão a lenha, transforma-se em um “móvel”, não mais um pertence do espaço. A compactação e sobretudo os pés sugerem vivamente tal mobilidade, ainda mais que a conexão com a rede de gás foi escamoteada. Doutro lado, os aspectos expressivos da forma, acima assinalados e a exploração visual dos elementos plásticos, são mais próprios de um móvel do que de um equipamento marcadamente funcional. Além da decoração em relevo e *appliques*, vale relembrar o zoomorfismo dos pés – todos traços que, com o acréscimo dos atributos orgânicos,⁴ buscam atenuar precisamente o rigor e frieza funcionais da tecnologia e a estranheza que despertava. Assim, a estranheza, a inorganicidade e a “des-corporalidade” do novo fogão ficam menos conspícuas.

Destinatários

As prestações mensais (o preço total não é indicado) constituem indício de custo elevado. A compensação nas menções a serviços gratuitos (instalação e manutenção) também acentua o problema do custo. O combustível deve ser caro, por isso se oferece um desconto para aumento do consumo. A única referência explícita a vantagem econômica, porém, não trata do custo de aquisição nem de uso, mas da possibilidade de evitar-se desperdício. Evidencia-se, portanto, que o fogão se destina às camadas mais abastadas da população – como aquelas que já se haviam inserido em um outro sistema

4 O ornamento até mesmo abusivo que caracterizou algumas das primeiras vagas de equipamentos domésticos mecanizados comumente tem sido tomada como tentativa de reduzir o medo da máquina (cf. Larroche et alii, 1980, p. 67; Morsel, 1983).

urbano, ainda restrito, a rede telefônica. Camadas, também, que já estavam amadurecendo para serem incorporadas à nova realidade do consumo.

Todavia, o destinatário não é apenas o adquirente. Quem vai operar o fogão? A nova tecnologia era de molde a permitir redução de trabalho, diz o texto. Mas trabalho de quem? Certamente que não da dona-de-casa ou do patrão. Sandra Lauerdale Graham (1992) demonstrou como as condições de trabalho similares entre livres e escravos, no serviço doméstico, pouco se alteraram com a Abolição e como, na primeira década deste século, a mão-de-obra doméstica era extremamente abundante no Rio de Janeiro. Entre 1907-1914, momento em que surgem as primeiras publicidades de equipamentos domésticos nas mais importantes revistas ilustradas da época, como *Fon fon* ou *Careta*, estava-se muito longe da crise da domesticidade na Europa e nos Estados Unidos, contemporânea da correlata introdução dessas novidades, marcada por fortes tons feministas e políticos (cf., por exemplo, Ruth Cowan, 1982; ou Dolores Hayden, 1981). Nessas condições, seja o destinatário desta mensagem publicitária a dona-de-casa, seja sua cozinheira, estamos diante de idéias fora do lugar.

Quanto aos aborrecimentos e contrariedades que o fogão a gás evitaria, seriam os padrões a referência? A plausibilidade é pouca. Da mesma forma, o que se diz da redução da demora. Os consumidores, hoje, ao comprarem um forno de microondas, observa Jacques Perriault (1992, p. 122), estão comprando antes de mais nada tempo. Mas no começo do século, entre nós, não só a demanda de tempo não era crítica, como a descontinuidade total entre consumidor e operador tornava absolutamente irrelevante tal economia. Em acréscimo, deve-se lembrar que tempo livre não poderia dizer respeito à empregada: se houvesse sobra de tempo, deveria ser aplicada em outras tarefas.

Finalmente, o mesmo se diga da comodidade e conforto. Sem dúvida, algumas pouquíssimas virtudes do novo equipamento poderiam ser de interesse geral (como a eliminação do cisco, cinzas, fuligem e fumaça). Mas que conteúdo teriam se o sujeito de referência fosse o criado doméstico, ainda mais quando o conforto é definido como não-trabalho? Richard Sennett (1986, p. 338) demonstrou, ao estudar modos de se deslocar e de repouso, como a visão negativa de conforto caracteriza a burguesia desde sua ascensão e como, além disso, nele estão implicadas conotações de passividade como fruto do individualismo, privacidade, etc., pouco aplicáveis à criadagem e aos padrões gerais que imperavam em nossa sociedade, no tocante às condições físicas e sociais do trabalho doméstico (Maluf e Mott, 1998).

Mais uma vez patenteia-se uma argumentação fora do lugar – um efeito da reificação tecnológica do fogão. A matriz desta publicidade está desfocada em relação ao contexto social e cultural dentro do qual deveria operar.

Conclusões

Reitero o que vem na abertura deste texto: meu propósito não era produzir conhecimento novo, mas chamar a atenção para a necessidade de ler as imagens (e, aqui, por felicidade, os textos e as imagens, conjuntamente), apresentando-lhes questões históricas precisas. Os traços descritivos do material textual e visual acima elencados tiveram como critério as três principais questões levantadas em seguida. Mas tais questões não foram formuladas em um *a priori* absoluto. Elas foram frutos da investigação de um certo “estado da arte”, relativa a um certo quadro histórico já preliminarmente delineado, mas também derivaram de um exame inicial do documento. Desse modo, a interação permanente e fecundante entre a fonte e o questionamento histórico é que permite orientar as leituras adequadas.

A seqüência da pesquisa obrigaria a uma retomada da leitura da imagem sob novos prismas, assim como sua inserção nas séries de que faz parte e, ainda, à busca de outras fontes, de mais diversa natureza, referentes às questões postas. Com isto abre-se um leque muito grande de caminhos e tarefas. Aqui, para encerrar, gostaria de exemplificar três questões que a leitura feita permite propor:

Tudo indica que uma das principais resistências que deve ter retardado a adoção plena do fogão a gás está associada a posturas corporais e padrões de corporalidade. A imagem revela, como se disse, uma aparente simplicidade, que não nos deve iludir, sobretudo porque a nova tecnologia altera bastante o papel do corpo no trabalho e multiplica as intermediações. Como se dá, e com que implicações, esta aculturação tecnológica?

A pouca relevância, em última instância, dos valores utilitários, das qualidades de conforto, higiene e economia formuladas pelo texto da publicidade encobre, como se viu, deslocamentos. Nesse caso, que razões efetivas justificam a difusão inicial do fogão a gás (como mais tarde o elétrico), quando começa a suplantá-lo o fogão a lenha? Valores simbólicos de ostentação? O que se pode saber da efetiva apropriação desses equipamentos, até a década de 30, para além da generalidade esboçada pelas pesquisas correntes (penso aqui em investigação de tipo etnográfico, no limite)?

A introdução e difusão dos equipamentos domésticos corresponde à mecanização da cozinha, primeira fase da organização racional do trabalho doméstico. A conseqüente transformação do espaço habitacional teve um componente visual, de que a publicidade, os catálogos, a iconografia artística, etc. foram vetores importantes. Qual, portanto, a dimensão visual do processo de transformação da casa de habitação?

Referências bibliográficas

- Aparici, R. e García-Matille, A. *Lectura de imágenes*. Madri, Ediciones de la Torre, 1989.
- Carvalho, M. C. W. de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material* (São Paulo), n.s., 4, pp. 165-200, 1996.
- Cowan, R. S. "The 'Industrial Revolution' in the home. Household technology and social changes in the 20th-century". In: Th. J. Schlereth (ed.). *Material culture studies in America*. Nashville, AASLH, pp. 222-36, 1982.
- Foster, H. (ed.). *Vision and visibility*. Seattle, Bay Press (Discussion in contemporary culture, 2), 1988.
- Giedion, S. *La mécanisation au pouvoir*. Paris, CCI, 1980.
- Goubert, J.-P. (ed.). "La Grad'Messe du confort". In: J. P. Goubert (org.). *Du luxe au confort*. Paris, Belin, 1988.
- Graham, S. L. *Proteção e obediência. Criados e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- Hayden, Dolores. *The grand domestic revolution*. Cambridge Mass., MIT Press, 1981.
- Homem, M. C. N. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- Joly, Martine. *Introduction à l'analyse de l'image*. Paris, Nathan, 1993.
- Larroche, H. et alii. *L'objet industriel (catalogue d'exposition)*. Paris, CII/Centre Georges Pompidou, 1980.
- Lemos, C. A. C. *Cozinhas, etc*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- Maluf, M. e Mott, M. L. "Recônditos do mundo feminino". In: Nicolau Sevckenko (org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. III: *República, da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

- Monnier, G. Au-delà de la marchandise, le fonctionnalisme. *Traverses* (Paris), 4, pp. 98-104, 1976.
- Morsel, H. L'imagination dans l'appareillage électrique. *Bulletin d'histoire de l'électricité* (Paris), 1, pp. 10-22, 1983.
- Perriault, J. *La logique de l'usage*. Paris, Flammarion, 1992.
- Santaella, L. e Nöth, W. *Imagem. Cognição, semiótica, mídia*. 2 ed. São Paulo, Iluminuras, 1999.
- Sennett, R. *Flesh and stone. The body and the city in Western civilization*. London, Faber & Faber, 1996.
- Serre-Floersheim, D. *Quand les images vous prennent au mot. Ou comment décrypter les images*. Paris, Les Editions d'Organisation, 1993.
- Vettraino-Soulard, M.-Cl. *Lire une image*. Paris, Armand Colin, 1993.